

MARCELO RUBENS PAIVA

O orangotango marxista

ALFAGUARA



Copyright © 2018 by Marcelo Rubens Paiva

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Ilustração de capa

Luciano Feijão

Preparação

Fernanda Villa Nova

Revisão

Huendel Viana

Adriana Bairrada

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paiva, Marcelo Rubens

O orangotango marxista / Marcelo Rubens Paiva.
– 1ª ed. – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2018.

ISBN: 978-85-5652-065-4

1. Ficção brasileira 1. Título.

18-13633

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

Introdução — Do plano elaborado através da leitura e observação de um revolucionário em potencial com tempo livre da rotina de uma pequena cidade agrícola, rica e pacata, do oeste do estado

Antes era o nada e o tempo, tempo de sobra. Sempre tivemos o tempo. Agora, não temos tempo a perder. Se o mundo acabar, o que é evidente, podemos voltar ao nada, ao tempo de sobra.

E só o tempo sobreviverá no Espaço sem vida.

Imagine um poema sem leitor, uma música sem ouvinte, uma pintura sem luz, o sexo sem corpos, um gato sem rabo. O Universo se criou e precisava de testemunhas para estudar e admirar tamanha beleza e fúria. A Terra se criou e precisava de testemunhas para ver a composição das estrelas, o capricho dos oceanos, da paisagem, da vida. O homem foi escolhido como aquele que conseguiria ter consciência para ser o pesquisador e espectador. E eternizar em poemas, músicas e pinturas os feitos da natureza. Ou de Deus.

Porém, ao adquirir inteligência, o homem aprendeu também a destruir, como alguém que nega seu criador. Por que aos homens, essa espécie deprimente, foi dada a missão de pesquisar, observar e procurar entender o Universo e a vida? Por que a Terra criou a vida e a sua ameaça, a espécie deprimente?

No final dos tempos, só o tempo sobreviverá.

“Vai, trovão, achata para sempre a redondeza do planeta, quebra os moldes da natureza, arrasa de uma vez por todas as sementes que deram na ingrata humanidade”, bradou rei Lear.

A humanidade é uma coisa horrorosa, sabia Shakespeare.

Vista de perto ou de longe, a violência, a fúria e o pior. Como um ser que não se sente parte dela, meus testemunhos e conselhos deveriam ser levados em conta, se um dia pudessem ser escritos e lidos.

Preste atenção: a humanidade é uma coisa horrorosa, mas tem conserto. Pode(mos) lutar para consertar. Porque a humanidade, como a história, não é estática, ela se transforma, ela devém.

É preciso destruir as formas e os moldes para construir.

Comecei a esboçar meu plano depois de ler *Batman*. Ele, como eu, ficou órfão, viu os pais serem impiedosamente mortos na infância por um pária social, quis vingança. Como eu, encontrou formas de voar na escuridão sobre a cidade. Como eu, não acreditava no sistema que a organizava, não acreditava na polícia, não acreditava que a justiça prevaleceria através do tempo, da história, sem a ação dos seus punhos e a maleabilidade da sua capa aerodinâmica.

Batman nunca usou armas, como eu.

Batman se tornou um justiceiro solitário, o Cavaleiro das Trevas. Ele sabia que, para consertar o mundo, precisava agir e combater o crime com sua força física, seu *legging fitness* noventa por cento de poliéster, dez por cento de elastano, e tecnologia, um supercomputador, um supercarro, uma supermotoca, muita grana, um baía mordomo e um cinto de mil e uma utilidades.

Foi meu ídolo por anos.

Existe uma sordidez em Batman que existiu em toda a minha infância, que só percebi e questionei quando entrei na adolescência, época em que a ingenuidade e o desconhecimento se somam a um corpo que só pensa em copular. Resultam num ser paralisado pela novidade hormonal, espanto e passividade. Ou inconseqüência.

Mais velho, percebi quem era meu inimigo, o que estava errado na minha vida e por que me transformei no prisioneiro

de uma existência sem o menor sentido. Corrige o rumo a caminho do egoísmo e me tornei marxista.

As ideias de Kant, Hegel e Marx deram numa teoria em que o homem, a história, estava determinado a mudar. Seus pensamentos se tornaram a ideologia de um povo, um Estado, se tornaram palavras de ordem: luta. Poucos filósofos conseguiram a façanha de mobilizar tantos em torno de um manifesto e uma bandeira vermelha para, unidos, mudarem o mundo.

A realidade é criada pela vontade dos homens, portanto, se a realidade surgiu das ideias dos homens, novas ideias podem fazer com que a realidade se transforme. Básico. Por alto. O dilema é que toda revolução é necessariamente violenta, já que o estado de inércia faz de tudo para preservar a ordem que oprime a humanidade ingrata, o homem deprimente.

E muitos têm aversão à violência. Coitadinhos... Pobrezinhos... Que peninha...

A luta de Batman é violenta, porém não muda o sistema por dentro, não acaba com o crime e as injustiças, é apenas uma luta de vingança e rachas pelas ruas e avenidas, de carro ou de moto. Para Batman, a luta não é a de um grupo social, uma classe (espécie), mas exclusiva, solitária, desagregadora, cada vez mais identificada com apenas um sentimento: vingança!

Seus vilões não querem apenas manter privilégios. Querem ser mais ricos que o próprio Batman. Riquíssimos. Os mais ricos de Gotham City. Querem morar na mais alta das coberturas. As brigas em que Batman se envolveu eram briguinhas de playboys grã-finos, arranca-rabos que saíam nas páginas policiais e colunas de fofoca, não nos cadernos de política ou economia.

Batman é o capitalismo tentando organizar o capitalismo, que sofre revés pela ganância de alguns capitalistas mascarados, vilões e monopolistas. Sofre por ser só ele a pessoa que consegue entender como pacificar a sociedade, por ser só ele o rebelde que arregaça as mangas e vai à luta, fazer justiça com as próprias mãos.

Segue um princípio bíblico: olho por olho, dente por dente.

Não adianta nada existir apenas um Batman contra uma sociedade corrompida, ingrata e injusta sobre ruínas e caos. No entanto, ele não para. De esquina em esquina, do topo dos prédios, nos becos escuros, imóveis abandonados, fábricas em que goteja água de encanamentos enferrujados ou que sempre têm um galão com ácido para destruir o inimigo, Batman exerce seu desejo e sua missão de eliminar o mal, de um em um, sem eliminar o mal por completo.

Passsei a adolescência como ele, dividido entre dois ideais, o da luta por vingança e por transformação. Subi em topos de postes, árvores e prédios.

Até vislumbrar a ação revolucionária que definiria qual verdade ia prevalecer. Não uma ação qualquer: quando se toma consciência da dialética de forças conflitantes, a luta pelo poder surge, e os indivíduos podem se libertar e mudar a ordem social que oprime; com a dialética, as ideias se movem, mudam, negam e contradizem. O presente se constrói com a síntese das contradições passadas. Portanto, a história pode ser previsível, seguir um caminho, uma direção. Se Batman tivesse lido mais, em vez de com moças belíssimas e magras frequentar festinhas regadas a futilidades ou ações filantrópicas, talvez tivesse sido mais útil à humanidade.

Filósofos não devem apenas interpretar o mundo, mas mudá-lo. Uma função da filosofia seria transformá-la em ação revolucionária. A realidade não reside nas ideias nem na consciência dos homens, e sim na ação concreta.

Nasceu a ideia de Utopia: um tempo em que haveria uma completa harmonia social.

Não adiantava ficar parado observando borboletas, crianças, filhotes. Eu tinha uma luta. Precisava agir. Eu tinha uma tropa. Eu tinha uma marcha a fazer, uma grande marcha!

Foi quando me veio o plano.

A primeira morada — Exílio no
departamento de sociobiologia de uma
universidade da cidade agrícola mediana,
do interior, de clima tropical, conectada
à grande reserva de Mata Atlântica

Tem coisas esplendorosamente belas e que se destacam entre vocês. Sim, tem... O sexo, por exemplo.

Como sei disso?

Vi. Ao vivo.

Não uma, duas, mas em várias noites.

Quando criança e adolescente. O que me estraçalhou o coração. Quem vi fazendo isso era alguém que eu amava mais que tudo.

O sexo entre vocês deveria estar na categoria dos grandes feitos da natureza (da genética ou seleção natural ou cultura, ou Deus; você escolhe, seguindo suas crenças). Rico, intrigante, imprevisível. Atordoa. Parabéns. A vagina humana, que beleza, muito sofisticada, é uma maravilha da engenharia da reprodução. Durante o coito, o canal vaginal duplica a profundidade, lubrifica na medida exata para facilitar o caminho da penetração.

Os lábios vaginais, como o clitóris, incham, aumentando o prazer. No orgasmo, contrações ajudam a sugar para dentro o segredo contido no pênis masculino, o maior membro sexual de um símio, maior do que o do gorila ou do orangotango, símios do mesmo porte. Os humanos têm o pirocão dos símios.

A fêmea, se ágil e disposta a procriar, tem as pernas fortes, alongadas, elásticas (que faz questão de trabalhar), para segurar o tronco do macho e não deixar que ele a abandone, nem para

um telefonema, depois do coito, assegurando a fecundação; o fedorento cigarro é permitido. E ela utiliza todos os recursos disponíveis, a fala, o murmúrio, os gritinhos de prazer, a lábia, os lábios inchados, a língua, as mãos carinhosas, para que a reprodução seja garantida.

A maioria das primatas despreza o parceiro depois da relação. Nem precisam da desculpa do telefone, uma comparação pouco científica, pois não existe na vida selvagem, muito menos cigarros.

As mulheres são a única fêmea do reino animal com nádegas e seios salientes e arredondados para a sedução. Atingem um orgasmo mais intenso que o dos homens. Por quê?

São eretas. Não podem correr ou caminhar com seus bundões ou peitões logo depois da fecundação. Precisam continuar deitadas por um tempo, contraídas, exaustas, felizes, e depois relaxadas, com sono, para não deixar escapar o esperma do parceiro, não perder o que interessa: o DNA. Por isso, o cigarrinho é permitido e até dividido.

O clitóris, que espetáculo, tem cinco vezes mais terminações nervosas que o pênis. Portanto, é cinco vezes mais sensível. Num feto, o clitóris nasce antes, o pênis aparece três ou quatro meses depois. O pênis é, portanto, filho de um clitóris. Desenvolvido a partir dele. Um clitóris com base, uma coluna jônica. Sua ponta, os capitéis com uma voluta, tem o formato de um clitóris. A glândula masculina, que manipulada dá prazer, é um clitóris menor e menos evoluído.

Mas o pênis humano é também uma maravilha simplificada da engenharia da reprodução. Que beleza... Quadruplica de tamanho quando se precisa dele no sexo. Torna-se uma alavanca firme, uma catapulta, uma flecha com a ponta anatomicamente perfeita, maior que o tronco, para penetrar o portão do castelo, o canal lubrificado, e não sair com facilidade ou deixar escapar pela parede vaginal sua mensagem genética.

Dele, um longo jato expõe o gameta do reprodutor, que, com o da fêmea, aprimora geneticamente vaginas sofisticadas e

pênis simplificados que virão, máquinas de prazer que provam o sucesso da espécie deprimente.

A capacidade dos humanos de se reproduzir é complexa e invejável. Não se sabe de outras símias que tenham orgasmos, ainda mais um orgasmo que a evolução postergou para depois do gozo do macho. Não se sabe de outra espécie que conheça lábios externos, sensíveis e salientes, ou orelhas com lóbulos, verdadeiros receptáculos erógenos, pequenas fábricas que, se bem manipuladas, dão prazer. Também não se sabe de outra fêmea que faça sexo mesmo fora do período de reprodução, ou cio, ou ovulação, e que faça sexo durante a gravidez, ou semanas logo depois do parto.

Minha mãe fazia sexo de oito em oito anos. Coitadinha... Preguiçosa.

Existem cento e noventa e três espécies de macacos e símios. Cento e noventa e duas têm pelos. Apenas uma, a de vocês, *Homo sapiens*, não tem. Portanto, vocês não são homens, mas macacos nus. Com sexo elaborado. Parabéns.

Li em *O macaco nu* que uma relação passa por etapas: corte, ou namoro, ou preliminares, e coito, normalmente em locais secretos, íntimos, que pode durar horas. É geralmente cara a cara, frente a frente, posição incomum entre nós, macacos. Por quê?

Sexo humano requer reconhecimento. Reconhecimento é admiração. Admiração é paixão, tesão. Paixão com tesão é amor. Mesmo assim, como a espécie é inventiva, bolaram logo outras posições, até as mais acrobáticas, escreveram manuais, fizeram monumentos fálicos, estátuas.

O namoro ocorre por trocas de carinhos e sons afetuosos, pensamentos organizados, elogios para aumentar a autoestima do parceiro e troca de presentes.

Sentimentos culturais como paixão e amor foram decisivos para o sucesso da espécie. As preliminares são elaboradíssimas. A luz deve ser diminuta. Pode ter músicas tribais suaves em que

histórias de paixão e amor de outros macacos nus são contadas. Pode ter falas rimadas, musicalmente complexas, que vocês chamam de poesia.

O casal não prepara um ninho para o acasalamento. Pode ser no chão, na mesa, em pé, numa cadeira, no sofá, na pia, numa cama, em áreas externas, ou alternadamente em todos os locais.

Bebidas com graduações distintas de glicose e carbonos saturados, produzidas de matérias-primas de origem vegetal com alto teor de frutose, como as minhas conhecidas uvas, podem ser consumidas.

A corte começa com sopros, suspiros, cócegas, contato de pele a pele, avanços milimétricos, calculados, aparentemente receosos. Línguas e lábios entram em ação. Esfregam-se na pele do parceiro. Lambem boca, rosto, pescoço, orelha, peito, dedos, barriga, membro do outro. Mordiscam boca, nuca, pescoço, orelha, peito, dedos, membro do outro. Chupam boca, pescoço, orelha, peito, dedos, membro do outro. Gastam um bom tempo explorando, manipulando, lambendo e sugando o membro do outro. Manipulam ritmicamente com cuidado, depois com pressa, depois com uma dose certa e bem calculada de brutalidade.

Até vir o coito.

É uma cena perturbadora, em que lembram exercícios de ginástica. O quadril da fêmea e o do macho ganham um ritmo avassalador a cada minuto, como se machucassem um ao outro. Eles gemem, não de dor, mas de prazer.

Um desavisado diria que um humano tenta ferir outro com uma cavidade ou lança pessoal, orgânica, e não pontiaguda como dentes ou chifres, seu membro, e que o outro, apesar das súplicas, defende-se arranhando as costas do parceiro, mordendo seu pescoço, sussurrando, por vezes gritando. Então, a fêmea domina o macho e o agride, gira para ficar por cima dele, engolindo seu chifre central não pontiagudo e apoiando as mãos em seu pescoço, tentando esganá-lo.

Reviram os olhos. O coração de ambos acelera. Suam. Suam demais.

Normalmente, se as preliminares forem eficientes, a fêmea abre as pernas para o macho se encaixar entre elas e introduzir com facilidade sua mangueira de expelir DNA. Os abraços são fortes. Podem ter unhas. A língua de um esfrega com força a mucosa da boca, parte sensível do outro. Mudam de posição sem temer predadores. Como não existe ameaça, estão absorvidos, completamente concentrados no ato de desejo, reflexo do amor supracitado.

Uma catarse no encerramento, barulhenta, vibrante, como um transe primitivo, sugere que a gosma que frutificará em vida foi ao alcance do óvulo exigente, oitenta e cinco mil vezes maior do que um espermatozoide, que aceitará apenas um gameta, um DNA envolto por uma cabeça, empurrado por um rabinho que será barrado e desprezado na grande e animada farra da fertilização, o melhor da festa.

O êxtase do homem quase sempre vem antes. Esta magia é peculiar. A fêmea o obriga a continuar. Fêmea não totalmente satisfeita quer mais gametas?

Nada disso. A evolução é mais sofisticada. Nem o maior pênis causa atração, nem o tempo dos diferentes orgasmos são gestos mecânicos para o sucesso e a sobrevivência da espécie. A evolução é mais perfeccionista. Inventou paixão e amor. Inventou casais, para que machos ou fêmeas menos fortes, mas que dominam ferramentas como ossos, machados, tacapes, facas, espadas, lanças, armas de fogo, tacos de beisebol, não ameçassem os mais fortes e tivessem também chances de ter um parceiro para sempre, que atrai, que com a quantidade de truques seduz, e vice-versa, paixão que faz o sexo um elemento além da procriação, mas da pacificação do grupo social, de homens e mulheres.

O amor faz humanos se ligarem e socializarem, substituírem o pai e a mãe, com quem convivem tantos anos, numa das mais longas infâncias da natureza (quanto mais longa a infância, mais

aprendizagem, mais conhecimento, mais tecnologia, maior o cérebro), por outro capaz de dar a mesma proteção, calor, troca.

A proteção vem com uma sobremesa espantosa, o prazer sexual. O coito. A face que seduz, num dos rostos com mais músculos e, por isso, mais capazes do maior número de expressões da natureza, vem com o orgasmo, que deixa dois seres no mais espantoso transe, muito além das explicações racionais, anatômicas, vasculares, químicas, um conjunto de tudo isso com humores, amor, paixão, admiração, sedução, jogo.

Com poesia, música e pintura, o amor pode ser refinado.

Como sei tanto da corte entre humanos?

E por que, como um orangotango darwinista, que depois se transformou num marxista, me interesse por ela?

Em madrugadas silenciosas, um casal se amou rotineiramente, perturbadoramente, diante dos meus olhos e de outros macacos presos em gaiolas no centro de pesquisa de biologia da universidade de uma pacata cidade interiorana.

Nunca se importaram com a nossa presença. Talvez até se excitassem com ela. Acreditavam que aquela escuridão, a que para o olho humano era suficiente para ganhar privacidade, nos impedisse de ver em detalhes.

Víamos.

E tinha filhotes de macacos entre nós. Crianças!

Víamos tudo.

Até o dia em que descobri quem era a fêmea em questão. Meu mundo desabou. Virei as costas para o laboratório. Nunca mais os olhei.

Era a minha tratadora, Kátia, quem fazia amor, camuflada na escuridão, diante dos meus olhos.

Uma das expressões mais belas da humanidade é a que descreve a atração por alguém como “ter borboletas voando no estômago”. Bela, porém instigante. Me foi ensinada por Kátia com mímica. Não compreendo. Para mim, borboletas